



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/materia-extracao-poder/>

Matéria, extração e poder numa perspectiva negra radical: os antropocenos negros de Yusoff

Irene Adryane Marciano Silva[1]

YUSOFF, Kathryn. **Um bilhão de antropocenos negros ou nenhum**. 1ª Ed, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.

Eu lembro de ficar no alto da rua da minha casa quando eu tinha treze anos, pensando: eu vou embora daqui e não vou voltar nunca mais, eu não vou mais morar aqui. Os livros da minha cabeça já tinham sido lidos, eu já estava esquecendo rostos e nomes, tudo o que estava acontecendo já tinha acontecido. A rua era um fantasma. Eu nunca mais voltei para aquela rua. A casa com a cerca de hibiscos e as borboletas sobrevoando as zínias. A partir daí, eu só imaginei.
(Dionne Brand, 2022: 110)

Preâmbulo: uma cena de "*In Pursuit of Bling*"

Por que vidas negras não importam? Esta é uma pergunta que Denise Ferreira da Silva faz ao refletir e discutir em suas obras, principalmente em *A dívida impagável* (2019), sobre como a violência racial é geralmente recebida e justificada. Escolho assim começar a discussão da obra da Yusoff, *Um bilhão de antropocenos negros ou nenhum*, através de seu pensamento em diálogo com uma ideia de “indiferença ética” que nos dá pistas sobre a sua análise do conceito de Antropoceno



por uma Geologia Branca (Yusoff, 2025, p. 24). Havendo uma parceria evidente entre as autoras na análise de Yusoff, principalmente ao especular sobre uma estética negra para o fim do mundo, esta pergunta-não-feita se manifesta não só pela sua obviedade, mas também por nunca ser feita. Para Ferreira, o alcance e importância trazidos pelo Movimento *Black Lives Matter* demonstra como a resposta negativa presumida desta pergunta estrutura o pensamento moderno, sua ética e sua noção da matéria e extração.

No ano de 2014, Ferreira (2019, p. 120) visitou a exposição *"In pursuit of bling"*, da artista Nigeriana Otobong Nkanga. Seu trabalho utiliza resíduos minerais como a mica e o cobre para questionar e reimaginar as geografias coloniais e do capitalismo racial na Namíbia, tratando a mina como paradigma da extração racializada. *"In pursuit of bling"* nos apresenta uma instalação multimídia densa que investiga o ciclo dos recursos naturais desde a extração até o seu consumo como produtos brilhantes. Sua obra é construída através de diferentes elementos, como minerais sampleados, tapeçarias, vídeos, fotografias, textos e outros objetos para demonstrar a complexidade deste tipo de exploração socioambiental.

A sua obra denuncia a conexão entre exploração colonial, capitalismo extrativista e fascínio por produtos reluzentes. Assim, Nkanga reflete sobre como o prazer visual da superfície oculta os impactos ambientais e sociais nas regiões mineradas e de como estas são coconstituídas. Em uma das partes da exposição é possível assistir ao vídeo de Nkanga desfilando com uma coroa de malaquita em Berlim e interagindo com outros objetos brilhantes na crítica da sedução do *"bling"* [2]. Dessa forma, ela propõe analogias poderosas entre corpo e paisagem sugerindo que somos feitos do mesmo material que extraímos e que a Terra retém a memória nos processos que a moldam, o que Lewis Hood (2023, p. 46) trata através do conceito de repertório residual. Assim, as formas de resíduos e detritos para a superfície do trabalho de Nkanga é uma maneira de questionar e reimaginar a relação entre geopolítica e estética em locais de extração moldados pelo colonialismo e pelo capitalismo racial.

A leitura de Denise Ferreira sobre a exposição demonstra a intrínseca relação entre lugares de abundância e lugares de escassez (2019, p. 125), tornando-os visíveis. A sedução pelo brilho acaba por evidenciar lugares como o buraco na *Green Hill*, uma área rica em minerais em Tsumeb, Namíbia, conhecido por seus depósitos de cobre e seus impactos no meio ambiente e nas comunidades ao redor. Ao demonstrar a importância histórica e artística das obras de Nkanga por



sua abordagem geoestética, esta cena em *A dívida impagável* revela a violência colonial da matéria para pensar a distinção entre "espaços de brilho" e "lugares de obscuridade". A intenção da artista, portanto, seria iluminar o que é frequentemente mantido no escuro, confrontando os rastros deixados pela sede por luxo e convencendo-nos de que “cuidar é uma forma de resistência”. É através da investigação desta “indiferença ética” que trabalha a Yusoff. Enquanto pesquisadoras, filósofas e artistas, essas mulheres articulam uma escrita feminista e radical, relacionando o pensamento moderno e sua análise por uma geografia negra. A partir desta postura ética e filosófica que seguiremos as pistas da Yusoff sobre o conceito de Antropoceno.

Organização da obra

Kathryn Yusoff é geógrafa e teórica crítica britânica conhecida por seu trabalho interdisciplinar que cruza geografia, geologia, pensamento negro, estudos ambientais, feminismo negro e filosofia para pensar uma geontologia crítica da relação entre colonialismo, raça e as ciências da Terra. Professora de Geografia Humana na Queen Mary University of London, suas pesquisas se concentram em como as estruturas geológicas e ecológicas da Terra estão profundamente ligadas à história da colonialidade, do racismo e da exploração capitalista. *Um bilhão de antropocenos negros ou nenhum* (2025) é a sua obra mais conhecida, traduzida recentemente no Brasil, onde argumenta que a narrativa hegemônica sobre o Antropoceno - uma época geológica marcada pela ação humana no planeta terra que evoca uma humanidade universal - e a crise ambiental se constituem através da escravidão, do colonialismo e racismo, sendo centrais para a própria emergência da modernidade e da exploração da Terra. Yusoff parte das disputas em torno do conceito de Antropoceno para pensar uma racialização da terra, mostrando como as práticas geológicas e extrativistas modernas — mineração, exploração de recursos e ocupação de territórios — estão ligadas historicamente à desumanização de povos racializados, especialmente como negros e indígenas. É nesse sentido que ela vai além de uma análise biopolítica constituindo o que ela denomina uma geopolítica racializada.

O livro se estrutura em cinco capítulos, onde a autora desenvolve sua análise sobre como o Antropoceno se coloca enquanto um conjunto de práticas materiais de longa duração e chegada que constituíram o mundo tal qual conhecemos. Dialogando com uma escrita especulativa junto a autoras negras como Hartman e N. K. Jemisin, ela parte da análise de que o fim deste mundo já aconteceu para alguns sujeitos, sendo este o pré-requisito para a possibilidade de imaginar, viver e



respirar novamente. Como uma ideia de um futuro no presente. O primeiro capítulo, “Geologia, raça e matéria”, aborda como a formação social da geologia é uma importante grade do colonialismo ou uma taxonomia da raça. No segundo capítulo, “Cavilhas de ouro e origens dúbias”, a autora discorre sobre a monumentalidade do Antropoceno como evento, tratando da noção de origem e das disputas envolvidas diante deste debate. O capítulo 3, “As inumanidades”, localiza o trabalho histórico da geologia na racialização da matéria, discutindo cenas entrelaçadas para demonstrar como sua organização e categorização promovem a racialização.

O capítulo 4, “Geologia insurgente: um bilhão de antropocenos negros agora”, desmonta a construção do evento da Geologia Branca, encenando um compromisso com as desigualdades da escravidão e subjugação através da exploração dos arquivos e dos atos silenciosos da geologia em diálogo com autoras como Spillers e Wynter. O quinto capítulo, “Escrevendo uma Geologia para a próxima tempestade”, é construído por uma escrita especulativa através de cenas, onde ela desenvolve a noção de um bilhão de antropocenos negros ou nenhum a partir da geoestética negra, desafiando dimensões de passado, presente e futuro para reformular as bases da geologia.

Detritos imperiais: uma geoestética negra além da mina

“O Antropoceno é uma reformulação da geologia, de uma disciplina de ciência extrativa e originária, para uma formação material filosófica” (Yusoff, 2025, pp. 34-35). Esta frase demonstra como, para Yusoff, a geologia como disciplina não considerou a extração ao processo colonial de transformação da terra em recurso, se dando a partir de uma condição de desvalorização e objetificação de corpos negros e indígenas. Para isso, ela se alinha a pensadoras e pensadores negros que se colocam em um posicionamento radical onde a constituição da raça é trabalhada como uma condição fundacional da crise ecológica e do pensamento geológico moderno. Mais ainda, de pensar como o aspecto ontológico da noção do escravo no mundo (Hartmann, 2021) pressupõe uma dimensão de tempo e espaço que se constitui através do colonialismo e do racismo.

Para isso, ela vai analisar a Geologia Branca da Escravidão à luz do conceito de inumano como uma das “subcategorias” dessa Humanidade, desafiando diretamente uma ideia de “nós” do Antropoceno (p. 115). Esse movimento em dois sentidos se faz para pensar uma outra estética-política-poética-feminista-negra a partir da racialização da matéria, que ela constrói através da noção de extração. Como colocado por Fred Moten (2021, 2024), o desumano é como



esse lugar a partir do qual se pode pensar as relações terrenas e as histórias desumanas a fim de trazer o problema em seus próprios termos, ou seja, nos termos fora da “transparência” (Ferreira, 2019), que não estão encobertos. Esse lugar “fora” do Humano também é trazido por Spillers (2021) através da noção de carne (flash) que, para a autora, é a narrativa primária daquilo que antecede o corpo (negro) e que para os escravizados em situação de cativeiro se tornou um arquivo de violações e torturas (Díaz- Benítez, 2021, p. 11), retratadas na própria composição da Terra a nível planetário. Esse movimento é chamado por Mbembe (2017) de alterocídio, pela McKittrick (2013, p. 14) de Alteridade Absoluta e pelo Ferdinand (2022) de altericídio, revelando como o genocídio negro e indígena (em relação ao evento), se dá através de políticas e práticas de regulação, exclusão, vigilância e controle que visam não apenas sua marginalização - como é tratado por uma abordagem biopolítica (Mbembe, 2011) - mas, principalmente, que o genocídio foi constituinte da modernidade.

Assim, o Antropoceno da Geologia Branca para Yusoff pode ser relacionado às proposições da Tsing de uma noção de Antropoceno na antropologia. Tsing, em sua obra de 2019, demonstra como mesmo sob as disputas em torno de sua origem e as contestações das ciências humanas, sobretudo as que são trazidas por Crutzen & Stomer (2000) e Haraway (2016, 2023), com uma crítica ao Antropoceno e à ciência, “o pior problema do termo - sua referência ao Homem - [pode] ser sua característica mais reveladora” (Pág: 204). Para Tsing (2019), esse personagem, pensado como uma alegoria necessária, o Homem, que vem de origens iluministas, possui uma capacidade de generalizações que incluem alguns mais do que outros. Ele tem um gênero, uma raça, uma religião, uma teoria da propriedade, uma ideia sobre si mesmo: “É difícil generalizar a partir de uma mulher muçulmana negra” (2019, p. 204).

“Ao mesmo tempo, [ela vai dizer, que] o Homem ultrapassa a si mesmo e se prolifera; seus efeitos não estão limitados a sua classe, raça e gênero” (p. 204). Ela diz que “colocar este Homem no Antropoceno dá tração ao conceito na antropologia - e conduz a uma melhor descrição” (2019, p. 205). “O homem é um problema tanto por ser limitado quanto por agir em todos os lugares” (2019, p. 207), portanto essa figura do Homem no Antropoceno e suas generalizações também nos permite perceber a sua ambivalência. Assim como o Homem é global, o Antropoceno é global em seus efeitos através da ameaça à habitabilidade encenada em lugares. Para Tsing, o Antropoceno, e seu avatar, o Homem, se dá através da paisagem da *plantation* (2019, p. 207). Tsing entende a



plantation por simplificações ecológicas nas quais os seres vivos são transformados em recursos, em futuros ativos (2023, p. 117). Produzir esses recursos requer um trabalho cultural que ela vai chamar de alienação. Essa alienação cria a possibilidade de replicação. Diante disso, ela segue por um caminho de pensar com os seres que habitam essas paisagens, buscando formas de coabitação e cuidado fora da lógica capitalista.

Yusoff se apropria do conceito para tirar da inocência o *anthropos* do Antropoceno e pensar como os horrores de sua destruição em todo o planeta têm a ver com uma “uma representação psicopolítica da subjetividade, bem como uma representação histórica da materialidade (2025, p. 29)”, ou seja, de como as linguagens que carregam o trabalho da geologia no mundo como recurso, extração, desumano (não-vida), bem móvel, entre outros, nascem de um sujeito geológico feito sem o exame desta história, feito a partir de um apagamento mortal, de um renascimento sem responsabilidade. A crítica dessa teoria da propriedade - física, química e estrutural dos materiais - e de uma temporalidade universal é trazida para “pensar a negritude em termos das relações de materialidade, de carvão negro, ouro negro, metal negro, e como estes são configurados nos discursos da geologia e nos seus léxicos da matéria, revelando as transações entre a geologia e o desumanismo como um modo de produção (ou extração) e de sujeição (ou um modo violento de vida geológica)” (2025, p. 30). Sua análise revela o objetivo de uma Geologização do social, denunciando seu apagamento racial.

Assim como Tsing propõe novas ficções políticas e alianças entre espécies a partir do feminismo para pensar o problema, Yusoff também desafia a ciência moderna (especialmente a geologia) pela sua suposta neutralidade, revelando que ela está imersa na lógica do extrativismo racial e colonial. Ao revisitar essas histórias de origem, ela traz uma preocupação mais ampla a partir do racial e feminismo negro, onde além de uma crítica de uma tipologia social onipresente dos homens brancos dominantes na academia, o que se destaca é a questão da própria branquidade da geologia como prática material. Assim, como nos mostra Denise Ferreira, “o esforço é entender o que torna a insensibilidade/falta de impacto persistente quando já se sabe o suficiente”. O que acontece ao transformarmos a morte negra em questão guia de uma investigação? (2019, p. 16). Para Yusoff, o desenvolvimento de uma análise da Geologia Branca da escravidão se coloca nessa fissura para pensar a forma como o Antropoceno é concebido, em termos de suas histórias de origem, as Cavilhas de Ouro, e de uma relação ambiental por vir (além da individualização liberal),



uma geopoética.

Essas autoras constroem uma crítica ao Humanismo universalizante, onde, de um lado, as perspectivas da Tsing se encontram a Haraway tendendo ao pós-humanismo colaborativo, enquanto Yusoff denuncia a fundação racista da própria ideia de "humano", se alinhando a crítica à Modernidade Ocidental da Wynter pelo conceito de *plantation* e “como a desumanização do corpo negro é a condição para a efetivação desse sistema” (McKittrick, 2016 *apud* Paterniani, 2021). A partir disso, ela traz uma questão: quais são as invasões na vida subjetiva que ocorrem através da geologia e da sua descrição da materialidade? Neste primeiro movimento constitui-se um lugar de reparação do “desconforto persistente com exclusões confortáveis” (2025, p. 35) demonstrando que trabalhar a partir da raça/ racial pressupõe lidar com a violência, o conflito e a precariedade. Assim como colocado por Hage em *Alter-politics critical anthropology and the radical imagination* (2015), o racismo e a dominação da natureza são originários da mesma ideologia, se referem a “domesticação” como uma forma de habitar que pressupõe a dominação. A partir disso, a Yusoff também vai pensar como a *plantation* se atualiza em diferentes escalas de extração mas que igualmente constitui uma condição de possibilidade para uma geologia insurgente.

A segunda parte do livro, os capítulos 4 e 5, expandem e enfraquecem os “eventos” do colonialismo e da antinegritude que estão sendo monumentalizados em Cavilhas de Ouro (Cap 2), que possuem um caráter espetacular do sofrimento negro. Entre trazer à visibilidade a realidade do evento, busca-se também não reproduzir o gênero da morte (social) negra por meios geológicos. Assim, Yusoff se coloca em um movimento de reconfiguração das possibilidades da experiência subjetiva. “Começar com a categoria do desumano liberta a possibilidade de uma reescrita da relação que pode ocorrer e ter um lugar” (McKittrick 2011, p. 29). A poética negra (geopoética) está marcando época no seu redirecionamento das lógicas raciais de extração. Estas se dão através de novos modos energéticos e compreensões de relação, dessedimentando as formas de historicidade desumana que são estabelecidas através do colonialismo (Ibidem).

A primeira seção do capítulo 4: A geofísica negra e a geoestética impensada da Terra inspira-se nos trabalhos do feminismo negro, seguindo com as análises de Dionne Brand “sobre revelar-se uma mulher que esmaga pedras”, as ideias da Sylvia Wynter, em “Black Metamorphosis”, sobre “os sentidos como teorizadores” e a “estética silenciosa” de Tina Campt (p. 147) no curso de



uma geografia negra nos índices de uma fungibilidade e uma fugitividade como uma estética das vidas que continuam após a morte. Morte essa que se dá partir da escravidão (Hartmann, 2021). Ela dialoga com uma forma de análise da crítica cultural negra, evocando três cenas de fuga para pensar essas ideias: os filmes duplos de Steve McQueen *Carib's Leap/Western Deep* (2002), a personagem de Brand, Marie Ursule, em *At the full and change of the moon* (1999) e a imagem de uma escravizada pulando de uma janela, mas suspensa em um campo gravitacional em exibição no National Museum of African American History and Culture (NMAAHC).

Essas cenas insistem no que Campt chama de futuridade através da noção de tempo para oferecer uma possibilidade que atravessa a colonialidade como uma contra-estética que recusa o inumano no seu estado como propriedade. Ela evoca uma intimidade com o inumano forjada no que ela chama de “estética do caos”. Nessa “estética do caos” são retrabalhadas novas gramáticas poéticas para criar uma geologia insurgente da pertença, que recusa a captura por forças geológicas e redireciona as suas forças não estratificadas como um sentido de possibilidade” (2025, p. 148). Estes “atos silenciosos” podem ser pensados como uma “geofísica impensada da Geologia Branca”. Dialogando com o conceito de “*transplantation*”, Yusoff destaca como o termo pode ser usado para reconceituar como os corpos negros reivindicaram o direito à geografia dentro dos limites carcerários da *plantation* e sua realocação através do Atlântico (2025, p. 149). O conceito de *transplantation* para Wynter está no cerne de sua crítica à modernidade ocidental, ao colonialismo e à construção da figura do “Homem” como categoria hegemônica da humanidade. Wynter argumenta que o sujeito ocidental moderno – o “Man” – é uma construção histórica surgida após 1492 com o início da expansão colonial europeia. Esse “Homem” é o resultado do transplante de uma identidade particular como sendo universal que se estabelece em dois sentidos: a figura do “Man1” (renaissance Man, cristão, racional) e depois “Man2” (secular, liberal, darwinista, econômico) como padrão do que significa ser humano. Assim, populações que estão fora dessas generalizações, ao serem comparadas a esse modelo, passam a ser vistas como pré-humanas.

A leitura da Yusoff do conceito da Wynter para pensar esses corpos negros que reivindicaram o direito à geografia destaca como a cultura negra representou uma teoria alternativa de pensamento no qual mente e sentidos coexistem, o que a Wynter coloca como “teoria como sentido”. “Ele coexistiu, e coexiste, com o sistema de *plantation* 'racional' e está em constante perigo de destruição” (2025, p. 148). A ideia de “sentidos como teóricos” estabelece como os



modos de experiência são estabelecidos no sentido de uma formulação teórica da subjetividade feita no contexto da negação dessa subjetividade (Op. cit.). Pensar essa estética como profundamente política se dá precisamente pela relação com a possibilidade de vida e sua sobrevivência sob condições de violência, é uma transformação do tempo no espaço livre do trabalho escravizado, uma contrapoética “subterrâneamente subversiva de sua realidade superficial” (Wynter, s.d., p. 218 apud Yusoff, 2025, p. 148). Segundo Yusoff, este pensamento através do sentido alcançou “a mais difícil de todas as revoluções – a transformação do estado psíquico de sentimento” (2025, p. 149).

No último capítulo, Yusoff reforça como a geologia sempre foi política nas suas narrativas sobre o mundo, as origens - através das Cavilhas de Ouro -, a extração e na transformação dessa extração em arma como motivação e modo de desapropriação. Um bilhão de antropocenos negros é uma mediação sobre a política e a poética da abjeção que sustentam o devir do Antropoceno como um fato material e duracional em corpos e ambientes: uma geologia subentendida que diferencia e é diferenciadora nas relações de poder. Perceber os pressupostos de antinegitude e coloniais do Antropoceno constituem o ponto fraco distintivo de suas histórias de origem e dá visibilidade ao trabalho material e corporal (negros e indígenas) que coercitivamente dá origem ao Antropoceno e desafia os relatos narrativos de agência nele contidos.

Mas há um movimento provisório em direção a uma descolonização do Antropoceno que pode ser feito através de uma geopoética. A geopoética retoma o que Denise Ferreira (2019) constitui como uma poética negra feminista (2019) para anunciar um modo de conhecer, de fazer, de existir, como um mandato ético através de uma memória não circunscrita nessas lógicas de poder, é uma ambição ontológica. Tal geopoética se voltaria contra o Homem enquanto essa alegoria de um impulso homogeneizador do humanismo, voltando-se a uma possibilidade de mundo que coloca a raça como central para as formações geossociais e geopoéticas do antropoceno.

Como é possível desalojar a linguagem da geologia de modo que tais movimentos de desapropriação não possam ser feitos tão facilmente? Para pensar essa questão de reparação que enquadra o Antropoceno na alquimia da raça e da geologia como um cálculo de extração, é preciso reconhecer uma mudança na qualidade da força subjetiva da geologia a nível material, de como as relações geológicas se estruturam a nível simbólico desafiando as formas de classificação geológica que organizam modos de não-ser. Pensar o geopoder a partir de relações de subjugação



desestabiliza um “nós” diante de um perigo planetário. Como seria uma geologia que recusasse tudo isso? Para ela, a chave do passado está no presente. “O futuro já está inscrito no presente, já ligado às recombinações materiais das más formulações do passado secretado em possibilidades futuras?”

Em vez de lermos a antinegritude apenas como biopolítica, poderíamos também vê-la como um ato geopolítico na divisão da carne e da terra através da gramática do inumano. O que está sendo proposto é que o Antropoceno produz uma geofísica da antinegritude através de relações materiais e psíquicas na designação de propriedades geológicas. A defesa de um coletivo na geologia sob o pretexto da humanidade embaça a diferenciação das relações subjetivas. É assim que a codificação da geologia como terra, mineral, metal, ouro, mercadoria, valor, recurso se torna a base histórica do roubo, ativando um campo de desapropriação em que a linguagem é usada para organizar materialmente a extração, onde a violência é encoberta sob o pretexto de libertar o excedente de riqueza das pessoas e da terra. Um bilhão de antropocenos negros propõe que o acontecimento da geologia fique verdadeiramente apontado pelas marcas coloniais que instigaram a sua passagem pela “medida do mundo” (Césaire [1972] 2000, p. 73). Ele abraça suas intimidades com o desumano.

Bibliografia

- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.
- SILVA, Denise Ferreira da. **Homo Modernus: para uma ideia global de raça**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- Vários Autores. **Pensamento negro radical: antologia de ensaios**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro**. SP, Ubu Editora, 2024.
- HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2019.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Trad.: Ana Luíza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

Recebido em: 15/02/2026

Aceito em: 15/07/2026



[1] Cientista social e Mestra em Antropologia (UFPE). Atualmente doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Unicamp. Bolsista de Doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e integrante do Projeto Temático MÉTIS (Artes e Semânticas da Criação e da Memória), vinculado à USP/FAPESP.I. E-mail: ireneadryane12@gmail.com.

[2] Acesso em
https://moed.online/exhibition/moed-x-museum-arnhem-resilience-in-times-of-destruction/?utm_source=chatgpt.com.